

TECENDO A VIDA

Anna Vera Araújo Rossi

Todos nós somos tecelões. O processo da vida é um eterno tecer. Quando nascemos recebemos os fios da Vida que vem do alto e que precisam fincar suas raízes aqui na terra para que o trabalho se realize.

Cada um de nós tece seu próprio tapete e, embora a base (os fios) seja a mesma, a padronagem será sempre exclusiva e individual. A forma e as cores seguirão de acordo com o som e o ritmo de cada um de nós.

NAZARÉ

Por volta de 1981, 82, tive minha primeira experiência com o tear. Foi em Nazaré onde aconteciam encontros dirigidos por S. Trigueirinho Neto e outros membros do grupo Sônia dirigiu o trabalho. A proposta era trabalhar em silêncio, fazer o melhor que cada um pudesse e estar ligado ao Eu Maior isto é, estarmos ligados aos nossos centro superiores.

Todos sentados formamos uma roda e cada um pode falar sobre suas expectativas e motivos que o levaram a escolher este tipo de trabalho. Fizemos um momento de silêncio para que o grupo se harmonizasse e o trabalho iniciou-se.

ORDENAR OS FIOS

Havia muitos fios de lã, algodão, retalhos de tecidos os quais tinham que ser ordenados. Isto é, desfazer nós, emendar fios, fazer novelos, todo um preparo para o que viria depois, o tecer. Mas esta seria uma

etapa posterior.

Quando terminamos de ordenar os fios nos reunimos novamente e cada um contou sua experiência. “Sobre mim desceu um sentimento de muita paz, um silêncio interno, eu diria um aquietamento interior. Era como se eu tivesse passado horas trabalhando sem contudo me sentir fatigada. Não sei dizer o que se passou fora daquela sala enquanto trabalhava”.

Estávamos todos muito dentro muito mergulhados na proposta.

URDIDURA

Nesta outra etapa os fios são montados no tear que servirão de base para o tecer. Estes fios são presos na parte superior do tear e depois passando pelo “pente”, devem ser fixados na parte inferior. A tensão destes fios deve ser exata para que o tecido não fique frouxo ou repuxado. É como se tivéssemos que afinar um instrumento de cordas. Estes fios parecem conter em si mesmos sua própria música e com o movimento da “navete” que passa por entre os fios e o movimento do “pente” que ora está em cima, ora está embaixo fazendo com que os fios da urdidura subam e desçam é como se estivéssemos executando uma sinfonia. Um ritmo toma conta do trabalho e possibilita que entremos em contato com a nossa própria Natureza (em sintonia com o ritmo do Universo).

SURGEM OS GRUPOS

O trabalho com o tear me marcou bastante. Voltei à Nazaré ainda algumas vezes antes de iniciar o trabalho com grupos de tear em casa. Queria que outras pessoas pudessem se beneficiar com esta experiência.

A formação dos grupos não tinha como objetivo o de serem terapêuticos embora, eu seja terapeuta. O que pude observar e perceber é que as pessoas poderiam nestes momentos estar com elas mesmas,

terem uma percepção de si durante o trabalho que em outros momentos isto se torna difícil, e observei também o quanto a criatividade de cada um pode emergir trazendo consigo um sentimento de liberdade e responsabilidade.

Um trabalho interno acontece.

Os momentos de silêncio, o estar mergulhado em uma proposta como esta, muitas vezes resulta em uma experiência semelhante a que se vivencia quando submetidos a técnica da “Calatonia” usada como auxiliar no nosso trabalho terapêutico.

Esta observação veio reforçar ainda mais minha vontade de formar grupos.